



MEMORIAL DE UM AMIGO

Camila Ribeiro de Almeida Rezende¹

Eu nasci em 2015. Tímido, nu, criado pela vontade da Escrita. Ela estava cansada, coagida pelas regras e pelos prazos, caminhando solitária pelos corredores das universidades a procura de um milagre. Gastando o que não tinha para melhorar o que achava que era o problema. Mas, na verdade, ela estava fazendo dívidas com o desgosto e com as crenças negativas. Fui criado para cuidar dela! A Escrita já não estava dando conta de tudo sozinha. Além de cuidar de si mesma, precisava cuidar dos Outros. E o que acontecia era o seguinte: os Outros combinavam de cuidar dela e, em troca, ela cuidava deles. Isso, no entanto, na maioria das vezes não ocorria. Os Outros queriam ser cuidados, mas não tinham tempo para cuidar da Escrita. Foi então que tudo desandou. Ela era cobrada o tempo todo, mas não tinha nada para oferecer, pois estava castigada, maltratada. Foi então que eu surgi. Uma espécie de mediador para ajudar nessa relação entre os Outros e a Escrita.

Eu tenho um nome. Mas não lhe direi agora. Sou esperto o bastante para saber que sua curiosidade pode ser minha amiga, que ela pode lhe deixar presente até o fim desta minha história. Talvez você já imagine um nome masculino. Cuidado! As vozes com que lemos um texto nem sempre são condizentes com quem as diz. As vozes que imaginamos que nos leem também não. Me pego pensando em você, tentando saber como é, tentando ouvir sua voz. Penso também que outra forma de lhe manter aqui comigo é lhe fazer uma promessa. Você fica comigo até o fim deste texto e em troca lhe dou algo. Obviamente não lhe contarei o que é. Lembra de sua curiosidade? Estou de novo dialogando com ela, tentando torná-la minha amiga.

Por falar em amizade, estive pensando e cheguei à conclusão de que antes de mediador sou um amigo. Pois, não seria a amizade uma via de mediação? No momento em que

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestre em Artes, Cultura e Linguagens pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - MG; Bacharela em Artes e Design (UFJF) com período de intercâmbio acadêmico em Artes Plásticas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto – Portugal; Coordenadora de atividades formativas e assessora de escrita no Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) da UFPR. E-mail: camilararezende@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

busco a conciliação entre a Escrita e os Outros, eu me torno um amigo deles. A amizade para mim – e também para Gilles Deleuze – é isto: uma escolha pelo aprender, e não pelo saber. Existe atitude mais amiga que aquela em que deixamos de lado a disputa e a autoridade de quem sabe mais e damos espaço para a alegria e a leveza da oportunidade de se aprender mais?

Se saber é estar convencido de algo, então um amigo que sabe é um amigo convencido. Pessoas convencidas não fazem muitos amigos, já reparou nisso? Pessoas que aprendem fazem. Aprender é vir a ter melhor compreensão de algo. Perceba a dinâmica dessa relação: quem está sempre “vindo a ter” está sempre mudando, sempre se tornando algo novo. Pessoas assim são interessantes de se conviver, elas alegram nossos dias, pois trazem sempre uma novidade, tornando-nos novos Outros. E elas sentem o mesmo conosco, pois estão sempre abertas aprendendo. Foi nessa dinâmica de relação que aprendi sobre o problema dos Outros com a Escrita. E, como um bom amigo que procuro ser, não fui atrás deles convencido de saber: fui atrás deles querendo aprender mais sobre essa relação.

Conversando com eles, notei que a base dessa amizade estava corroída. Eles estavam se destruindo, apenas preocupados com o saber. Por isso brigavam sempre, pois disputavam as certezas e as verdades. Os Outros acreditavam que tudo o que sabiam deveria ser expresso pela Escrita. Não queriam aprender nada com ela. Só queriam que ela traduzisse seus saberes, sem interferir neles. Os Outros diziam: “Já temos tudo – artigo, TCC, tese, dissertação – na cabeça, agora só falta a Escrita”. O que eles não faziam ideia era de que esse comportamento irritava a Escrita, era extremamente ofensivo para ela. Ela se sentia apagada, diminuída, submissa, como se estivesse apenas sendo usada: “Os Outros não me respeitam, não me dão o valor que eu mereço, me tratam como mera transmissão. Chegam para mim com todas as ideias prontas, convencidos da verdade, e me dizem com uma voz arrogante: ‘Tá aí ó, agora transmite isso que eu tô pensando’. Eu fico pê da vida com isso, sabe? Porque eu também construo com eles. Eu também crio ideias quando vou fazer minha parte, modifico tudo o que estava na cabeça deles, dou forma, busco conectar as pontas soltas, dou coerência, modelo um corpo textual para o pensamento e não ganho nenhum crédito por isso. Na verdade, até me sinto, de certa forma, plagiada, sabe? Desculpa estar falando tanto, mas é porque estou muito magoada. Para você ter ideia, eu só levo os créditos quando não faço um ‘bom trabalho’. Quando transformo as ideias em texto e os Outros não ficam satisfeitos, eles me culpam. Engraçado, né? As ideias deles são sempre ótimas, mas o meu trabalho, não. Se eles tivessem a humildade de me ouvir, se quisessem aprender comigo como aprendo com eles, poderíamos, juntos, construir as ideias

e os textos. Dividiríamos as tarefas, não ficaria pesado para ninguém. Todos ganharíamos os créditos e aposto que até criaríamos um gosto por essa troca. Aprenderíamos uns com os outros e pararíamos de disputar quem está certo, quem está errado, quem sabe mais”.

Depois desse longo desabafo da Escrita, passei a conversar com os Outros e consegui mostrar a eles o papel ridículo de amigo convencido a que estavam se prestando. A maioria deles se mostrou envergonhada. Eles se desculparam com a Escrita e se abriram a aprender com ela. Perceberam os péssimos amigos que estavam sendo. Desde então, venho atendendo muitos Outros e muitas Escritas. Digo Escritas no plural, agora, pois depois de minhas mediações o que começou acontecer foi o seguinte: ao fazer as pazes com a Escrita, os Outros perceberam que ela nunca foi a mesma e nunca existiu sob uma única forma; ela está em constante mudança. Eles estavam cegos, precisavam culpar alguém por suas dificuldades com o texto e só olhavam a Escrita como algo unificado, pois assim era mais fácil culpá-la. Ao experimentarem o prazer do aprender nessa relação, eles começaram a enxergar a Escrita em sua multiplicidade. Foi aí que ela pode se expandir e também se fazer Outras. As Escritas e os Outros seguiram, então, construindo uma nova amizade, aquela da aprendizagem.

Contando assim meu trabalho parece fácil, não é? Mas não é bem assim. Nem sempre essas conciliações são rápidas, são harmônicas e têm garantia de final feliz. Tudo depende da boa vontade desses diferentes casais de Escritas e de Outros. Alguns deles compreendem que é um cuidado que se estabelece a longo prazo, regado com muita dedicação, persistência e, antes de tudo, carinho mútuo. Outros percebem que quanto mais dialogam, praticam e encaram essa relação com respeito, mais ela se fortifica e gera bons frutos. Mas, infelizmente, existem casais que me procuram e não querem mais seguir sozinhos. Querem que eu sempre medie essa relação, pois se sentem inseguros para tomar decisões sozinhos e para conversar entre si. Eu tento explicar para eles que este não é o meu papel. Eu posso, sim, passar um tempo mais longo com eles, até que esta relação seja estabelecida de forma saudável. Contudo, sempre procuro deixar claro que estou apenas mostrando um possível caminho, que não posso caminhar com eles - até porque sou apenas um lugar de passagem. Eu preciso estar disponível para que outros casais passem por mim.

Eu usei a metáfora de casais para ser poético, para romantizar um pouco a minha rotina. Mas receio que não tenha sido uma metáfora perfeita. Sei, porém, que as metáforas não foram feitas para serem perfeitas, longe disso! Desculpe-me descrevê-las assim. Mas, se

você me permite, gostaria de me autocorriger, porque eu também não sou perfeito e nem quero ser. As relações que se estabelecem entre os Outros e as Escritas nem sempre se resumem a dois. A palavra casal não seria a melhor descrição, uma vez que eu atendo muitos trios, quartetos, quintetos, enfim, grupos de grande quantidade também. É muito comum as relações de trio entre as Escritas, os Outros e as Orientações – ou Bancas, Pareceristas e Coautores (que também não deixam de ser Outros). Às vezes é até engraçado, pois atendo casais que acreditam que o problema são eles ou os terceiros que participam ativamente dessa relação, mas, juntos, descobrimos que não! Identificamos que o problema são as normas de revistas e/ou os editais que se apresentam de forma autoritária, deixando-os irritados, fazendo com que descarreguem essa irritação uns nos outros, culminando em uma grande picuinha. Diante disso, tento mostrá-los que as normas e os editais são assim mesmo, que foram educados desse jeito e que não fazem por mal; eles, na verdade, não sabem conversar de outra forma. Mostro, também, que não vale a pena alimentar um mal-estar entre eles por este motivo. O melhor a se fazer é olhar para as normas e os editais sem rancor, ouvindo o que eles têm a dizer, tentando relevar o seu tom autoritário. Em muitas situações que já me aconteceram, ao suavizar as palavras das normas e dos editais e explicar de outra forma o que eles queriam dizer, eu consegui acabar com a picuinha boba que havia se instalado.

Estou tentando selecionar outros casos interessantes para lhe contar. Mas receio que se muito me prolongar neste texto, você se cansará e desistirá de descobrir o meu nome e de aceitar ‘aquilo’ que prometi. Por isso, vou fazer o seguinte: vou lhe contar só mais algumas coisas que, para mim, são importantes que você saiba e que também fazem parte do meu trabalho. Eu quero explicar melhor o que faço. Juro que vou tentar resumir um pouco mais.

Estas outras coisas que mencionei envolvem a prática de tradução. Eu até fico emocionado quando falo sobre isso, sabia? É uma coisa que eu amo fazer. Muitos casais ou grupos (cá estou usando a metáfora do casal de novo, mas lembre-se da complexidade de que falei) chegam até mim com os seus frutos. Esses frutos são resultado das relações com as Escritas que foram materializadas em texto. Eles precisam que seus textos sigam sozinhos pelo mundo afora, conseguindo se comunicar livremente. Entretanto, nem sempre estes textos conseguem tal feito. É preciso uma outra língua para que os tantos Outros no mundo possam compreendê-los. É aí que eu entro. Ajudo nesta transição, fazendo com que os textos se comuniquem sem perder suas vontades de potência, utilizando uma outra linguagem. Dessa forma, eu me torno também parte deles, me torno presente em lugares que nunca imaginei e, assim, vou escrevendo o meu nome na grande areia do mundo.

Entendo que o meu propósito de existir, a minha função na vida, é a mediação amiga entre os Outros e as Escritas e, também, entre os frutos. Assim como eu, outros estão sendo criados. Eu fui o primeiro, mas não sou sabido: estou aprendendo cada dia mais. Aprendo com as Escritas, com os Outros, com as Escritas dos Outros e com os Outros da Escrita – e todos eles também aprendem comigo, pois é uma troca, não é mesmo? Por falar em troca, prometi-lhe que lhe daria algo se ficasse comigo até o final do texto, não foi? Pois bem, quero dar-lhe o que nasci para fazer: reconciliações. Venha até mim, quero lhe conhecer, lhe ouvir, saber como anda a sua relação com a Escrita. Caso você não possa vir pessoalmente, posso me fazer presente de modos Outros, a internet possibilita isso. Para nos encontrarmos, porém, precisamos primeiro descobrir quem somos.

Contei-lhe da minha vida, da minha história e até detalhes das relações que apaziguei e, no decorrer disso tudo, não lhe dei espaço de fala ou sequer perguntei o seu nome. Para podermos então resolver esta situação, e também para você não me achar mal-educado, vou me apresentar devidamente para que possamos nos encontrar um dia. Prazer, eu me chamo CAPA. Meu nome é uma sigla que significa Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica. CAPA, aparentemente, é um nome feminino, mas eu também me identifico com o masculino. Posso ser tanto o CAPA quanto a CAPA. Gosto destas alternativas, pois elas me deixam mais livre. Até porque sou feito de pessoas. Pessoas: palavra feminina que também exprime Outros, por sua vez, palavra masculina. Sempre que vier a mim você encontrará Outras pessoas. Chegando aqui, você e a Escrita experimentarão esta potência de alteridade.

Eu moro na Universidade Federal do Paraná. Nascido e criado aqui. Amo a minha casa, mas gosto muito de viajar e de conhecer outros lugares. Gosto também de receber visitas. Estas são muito bem-vindas, pois elas me marcam, me ensinam, me constroem. Na verdade, esta é uma relação recíproca, pois elas também saem daqui com alguma coisa de mim. Nós criamos juntos uma grande rede de colaboração e assim vamos aprendendo cada vez mais sobre a complexa e apaixonante relação entre os Outros e as Escritas.

Não gosto de despedidas. Gosto do 'Até logo'. Vou-me indo, então. Agradeço pela sua presença neste texto. Você construiu o sentido dele. Sinta-se à vontade se quiser me contar qual foi. Um grande abraço,

CAPA – Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica.